

AS NARRATIVAS DAS VÉSPERAS SICILIANAS

em Três Crônicas Italianas dos Séculos XIII-XIV

VINÍCIUS SILVEIRA CERETINI*

RESUMO

O artigo analisa três crônicas, a *Cronaca di Salimbene di Adam di Parma*, escrita entre os anos de 1283 e 1287, a *Cronaca di Partenope*, escrita aproximadamente em 1350 e uma crônica siciliana chamada "*Lu ribellamentu di Sichilia contra Re Carlo*", escrita por volta do ano de 1290. É analisado, nos três escritos, o momento inicial da rebelião siciliana contra os angevinos. Como os autores se colocam com relação ao evento? De qual perspectiva eles narram? Através da análise do discurso, alguns paralelos são traçados entre as três crônicas e entre a história escrita/narrada pelos cronistas medievais.

Palavras-chave: Crônicas; Angevinos; Vésperas Sicilianas.

ABSTRACT

This article analyzes three chronicles, the *Cronaca di Salimbene di Adam di Parma*, written between the years 1283 and 1287, the *Cronaca di Partenope*, written around the year of 1350 and a sicilian cronicle known as "*Lu ribellamentu di Sichilia contra Re Carlo*", written approximately in 1290. Is analyzed in the three texts, the starter moment of the sicilian rebellion against the angevins. How the autors put themselves in relation to the event? From which perspective do they narrate? Through the discourse analysis, some correlations are draw between this three chronicles and the written/narrated history by medievalls croniclers.

Keywords: Chronicle, Angevins, Sicilian Vespers.

*Graduando do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. O artigo é resultado do primeiro ano de pesquisas de Iniciação Científica "Histórias da Península Itálica: crônicas, hagiografias e sermões (Séculos XIII e XIV)", financiada pelo PIBIC/CNPq, tendo como orientador o professor doutor Igor Salomão Teixeira.

Email: vinicerentini@gmail.com

Introdução

O presente artigo visa analisar três crônicas medievais italianas e o tratamento dado às Vésperas Sicilianas. Trata-se de evento ocorrido em 1282 e que originou a chamada Guerra das Vésperas, que se estendeu até o ano de 1302. Ao cabo do conflito a ilha da Sicília passou definitivamente do domínio angevino para o aragonês. As três crônicas analisadas são: *Cronaca de Salimbene*, de Adam de Parma¹, escrita entre os anos de 1283 e 1287, a *Cronaca di Partenope*², de Bartolomeo Caracciolo Carafa, escrita aproximadamente em 1350 e uma crônica siciliana anônima, que tradicionalmente recebe o título de “*lu ribellamentu di Sichilia contra Re Carlo*”³, aproximadamente do ano de 1290.

Aspectos Formais do *Corpus Documental* e Metodologia de Análise

O texto de Salimbene de Adam, originalmente em latim eclesiástico, narra eventos que vão de 1168 a 1287. O franciscano faleceu em 1288. Salimbene foi um viajante e escreveu sobre o que viu, como aponta Lewin⁴. Nessa linha também segue o que Bernard Guenée afirma sobre os frades franciscanos: preferiam escrever o que testemunhavam em suas andanças⁵. É interessante ressaltar, ainda, que iniciou a redação da crônica no ano de 1283, conforme o mesmo historiador, ano esse imediatamente posterior às Vésperas.

O religioso possuía uma visão profética da história e imprimia essa crença naquilo que escrevia. Foi adepto, durante algum tempo do que um abade – Joachim del Fiore – considerava ser uma interpretação profética da Bíblia. No que tange ao abade, ele acreditava que a Bíblia era um texto profético e dinâmico que já continha as sementes de toda a história dentro dele, cada uma das quais brotava e florescia em um momento único no tempo humano⁶.

Para a análise da crônica de Salimbene utilizamos também uma versão em italiano disponível *online*: a “*Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell’Ordini dei Minori*”, de Carlo Cantarelli, do ano de 1882. Essa edição, feita em Parma, verteu para o italiano a crônica, sem maiores comentários prévios, porém com um bom índice onomástico.

A *Cronaca di Partenope* possui uma edição crítica do ano de 2011 da historiadora Samantha Kelly da qual nos utilizamos para informações e para a leitura do texto, que está em vernáculo napolitano do século XIV. A autora divide as versões dos manuscritos em dois grupos, o A e o B, sendo o segundo considerado por ela como uma cópia posterior a 1460. Os manuscritos do grupo A, que também existem em maior quantidade, são mais antigos e

1 *Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell’Ordini dei Minori*. Edição de Carlo Cantarelli. Parma: Luigi Battei Editore, v. 2, 1882. Disponível em <https://www.academia.edu/4747245/Cronaca_di_Fra_Salimbene_volgarizzata_da_Carlo_Cantarelli_vol_2> Consultado em nov 2016.

2 KELLY, Samantha. *The cronaca di Partenope: na Introduction to an Critical Edition of the first vernacular history os Naples (c. 1350)*. Leiden; Boston: Brill, 2011.

3 MENDOLA, Louis. *Sicily’s Rebellion against King Charles*. Nova Iorque: Trinacria Editions, 2015.

4 LEWIN, Alison Williams. “Salimbene de Adam and the Franciscan Chronicle”. In: DALE, S; LEWIN, A.W.; e OS-HEIM, D.J. (orgs). *Chronicling history: chroniclers and historians in medieval and renaissance Italy*. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 2007, p.88.

5 GUENÉE, Bernard. História. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C. *Dicionário do Ocidente Medieval*. São Paulo, EDUSC, 2002.

6 LEWIN, *op. cit.*, p.91.

7 *Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell’Ordini dei Minori*. Edição de Carlo Cantarelli. Parma: Luigi Battei Editore, v. 2, 1882.

narram a história de Nápoles das origens míticas até a ascensão de Joana I (1343), geralmente em 75 capítulos. Uma versão *online*⁸ desse último manuscrito está disponível no portal *Gallica* e foi a mesma utilizada por Kelly em seus estudos⁹.

O texto *Lu ribellamentu*¹⁰, como afirmado anteriormente, é anônimo e está em vernáculo siciliano do século XIII. A edição disponível on-line remete a uma do ano de 1882, comemorativa ao centenário da Biblioteca Nacional de Palermo, aos cuidados e anotada por Filippo Evola. O texto em vernáculo siciliano medieval está acompanhado, a cada página, de um em siciliano moderno. A Biblioteca Nacional de Palermo o adquiriu e o reteve em seu acervo¹¹ sem publicá-lo até a edição mencionada.

Em termos metodológicos é importante ressaltar as diferenças temporais que os três textos têm em relação aos acontecimentos analisados neste artigo. Duas crônicas datam do século XIII: a do frade franciscano foi escrita imediatamente após, mas não trata exclusivamente do evento, como é o caso do texto anônimo siciliano. Diferentemente, a crônica escrita por Bartolomeu Carraciolo-Carafa foi escrita no século XIV, do lado “napolitano-angevino”, ou seja, inteiramente inserido no contexto do lado político ‘derrotado’ no conflito em questão. Nas crônicas com autoria identificada existem trechos acerca das Vésperas Sicilianas e o último é inteiramente sobre o evento. Analisaremos o discurso narrativo em pontos mais iniciais da revolta, a inserção dos cronistas nesses eventos e como Carlos I é caracterizado em cada uma delas.

Contexto das Vésperas Sicilianas

A narrativa das Vésperas Sicilianas, em geral, é simples. Essa primeira característica é próxima do que assinala Guenée acerca da crônica medieval¹². Revoltas populares não eram incomuns na Idade Média, basta lembrar o caso das *jacqueries* francesas que estouravam a todo o momento e, que para Le Goff, eram movidas pelo ódio de camponeses e das novas camadas sociais cidadinas contra senhores laicos e eclesiásticos¹³.

No entanto, a força que as Vésperas tiveram – a mudança de dinastia – e os rumos que deram à política mediterrânea de Aragão merecem atenção. Isso porque a adesão dos *populares* deve ser vista não como adesão da população de estrato social mais baixo, mas ser deve entendida como *populus*, uma formação jurídico-social nascida das reformas de Carlos I, que a separava dos nobres, na qual tinham assento comerciantes ricos, pequena nobreza e população empobrecida¹⁴.

O casamento de Constância, filha de Manfredo, ex-tutor de Conradino e filho ilegítimo de Frederico II, com Pedro, herdeiro de Aragão, é outra informação importante

8 Paris, BNF, Ms. Italien 301. 161f. Cópia datada entre 1470-1480. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8438680g/f10.image.r=cronaca%20di%20partenope>>. Consultado em dezembro de 2017.

9 KELLY, Samantha. *The Cronaca Di Partenope: An introduction to and Critical Edition of the First Vernacular History of Naples (c. 1350)*. Leiden: Brill, 2011.

10 *Lu ribellamentu di Sicilia: Codice esistente in essa biblioteca*. Edição de Filippo Evola. Palermo, Stabilimento Tip. Lao, 1882. Disponível em: <https://www.europeana.eu/portal/pt/record/9200143/BibliographicResource_2000069362809.html> Acesso em 02 out 2016.

11 *Idem*.

12 GUENÉE, *op. cit.*, p. 526.

13 LE GOFF. *A civilização do Ocidente Medieval*. Tradução: Mônica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 226.

14 GALASSO, Giuseppe. *Napole Capitale: identità política e identità cittadina. Studi e Ricerche (1266-1860)*.

Salerno: Electa Napoli, 2003 (Primeira edição 1998), p.54.

para o entendimento do interesse aragonês na Ilha. Conforme Jean Dunbabin¹⁵ o casamento de Constância com Pedro III foi fundamental para a reivindicação do título da Ilha e para a sua acomodação na Coroa Aragonesa. Manfredo, após a morte de Conradino consegue, ilegitimamente, se tornar rei da Sicília, mas o Papado não o apoia. Nesse jogo a Igreja encontra um rei de uma casa tradicional e aliada: Carlos, conde de Anjou.

A revolta siciliana se dirigiu, portanto, contra a Casa de Anjou, da qual Carlos I era o rei em Nápoles desde 1266. Irmão de Luís IX, rei francês morto em 1270 na oitava cruzada, sucedido por seu filho Felipe III, estava apoiado por forças consideráveis. Além do irmão, e depois do sobrinho, no trono francês, Carlos I tinha aliados em Roma: o papa Martinho IV, outro francês, o qual devia sua eleição em 1281 aos angevinos¹⁶. Carlos I se sentia seguro em negligenciar a Sicília e possuía planos de expandir seu reino pelos Bálcãs, conquistando o Império Bizantino aos Paleólogos e senhorios no Mediterrâneo Oriental¹⁷.

Após pesada taxação sobre a população siciliana, da transferência da capital do reino de Palermo para Nápoles e da retirada de muitos direitos senhoriais, Carlos I mantinha uma política repressiva em toda a ilha. Segundo versões mais populares e de divulgação da história como a de Indro Montanelli¹⁸, jornalista, o rei tinha má reputação entre os sicilianos – jamais havia convocado o parlamento da ilha e não respeitava os forais citadinos. As revistas populares eram rotina e em uma dessas que a rebelião iniciou. Um sargento francês de nome Douet tentou revistar mulheres, e ao tentar revistar uma casada o marido sentiu-se ultrajado e o matou. Após o acontecimento, o homem conclamou os conterrâneos a fazer o mesmo com todos os franceses partidários de Carlos I¹⁹.

No entanto, segundo a historiografia atual, e aqui citamos Galasso²⁰ e Dunbabin²¹, esse movimento foi um processo lento. É certo que a diminuição da participação dos nobres nos governos citadinos está elencada em Galasso como uma das possíveis causas que concorreram para as Vésperas. Também o fato da presença francesa ter se tornado mais forte com o passar dos anos nos cargos que representavam a Coroa nas cidades pode ter sido interpretado como uma afronta pelas famílias que anteriormente partilhavam do poder e se viram alijadas dele. Enfim, as reformas de Carlos I provavelmente descontentaram a tal ponto a população insular que na Páscoa de 1282 o conflito eclodiu.

As Vésperas Sicilianas em três crônicas

Conforme Walter Benjamin a crônica é a forma adotada pelos medievais de “escrita da história” e estes, são os precursores clássicos da historiografia moderna²². Já em um estudo

15 DUNBABIN, Jean. *The French in the Kingdom of Sicily, 1266-1305*. Cambridge: University Press, 2011, p.24.

16 MARTINO IV. In: Treccani. *La cultura italiana*. Disponível em: < [17 ABULAFIA, David. *O Grande Mar: Uma história humana do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p.366-368.](http://www.treccani.it/enciclopedia/martino-iv_(Enciclopedia-dei-Papi)/> Consultado em 08 dez 2017.</p></div><div data-bbox=)

18 Nesse sentido ver: MONTANELLI, I.; GERVASO, R. *Itália: os séculos de ouro*. São Paulo: Ibrasa, 1969; e ORSI, Pietro. *Historia de Italia*. Buenos Aires: Editorial Labor; GALASSO, Giuseppe. *L'Italia Aragonesa. Storia Mediterranea*. Palermo, n. 11, p.425 – 436, dez 2007. Disponível em <<http://www.storiamediterranea.it/portfolio/n-11-dicembre-2007/>>. Acesso em 15 out 2016.

19 MONTANELLI & GERVASO, *op.cit.*, p.28.

20 GALASSO, *op. cit.*, *passim*.

21 DUNBABIN, *op. cit.*, *passim*.

22 BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v.1*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 226.

mais específico, Marcella Lopes Guimarães analisou Paul Ricouer e Jörn Rüsen, e apontou que os discursos cronísticos encerram uma forma específica de interpretação do tempo e são tentativas de ordenação e fixação de experiências. Para a pesquisadora o foco é de vital importância na análise textual e merece atenção pois projeta na narrativa pessoa, tempo e espaço. Nesse ponto, analisando o foco nas crônicas medievais Guimarães explicita:

[...] para efeitos persuasivos a narrativa em primeira pessoa, com o império da subjetividade, parece firmar um pacto maior de adesão com a recepção pretendida, que adentra o universo íntimo de quem fala. Por oposição, em terceira pessoa, o narrador está mais à vontade para construir uma objetividade analítica²³.

Consoante a Guimarães, o aspecto a ser analisado nas crônicas selecionadas será a inserção dos autores nas narrativas construídas: estão eles situados no fluxo dos acontecimentos ou fora deles?

Lu ribellamentu inicia descrevendo aquilo de que se trata o escrito e após anunciando a data. Logo começa a narrativa que se manterá mais ou menos uniforme até o final. Essa narrativa possui diálogos diretos entre os personagens João de Prócida e o Imperador Miguel VIII Paleólogo: ambos estão em Constantinopla, onde João avisa o governante bizantino dos planos de Carlos I de conquistar a *Romania*²⁴. Na passagem imediatamente anterior à denúncia se lê:

Standu Misser Gioanni in quisto so essiri, li dissi un jornu a lu Palagalogu: "Signuri, per Deu vi pregu ordinati um segretu locu di putiri parrari segretamenti, azochi lu nostru parlamentu non si pozza sapiri per altrui"; e lu Imperaturi dissi: "chi è zó chi vui mi vulliti parlari cussi sigretu?"; et illu rispusi: per lu più grandi bisognu, chi vui aviti in quistu mundu!". Et incontinenti andaru supra alta turri di lu Palazzu, undi stavanu tutti li segretanzi di lu Imperaturi²⁵.

Os planos de Carlos I também são narrados em forma de diálogo direto e o narrador constrói identidades para cada personagem, diversamente do que ocorre em textos cronísticos anteriores ou até mesmo contemporâneos. Segundo Guimarães, "na realidade tardo-medieval esses gêneros haveriam de admitir uma negociação, com a inclusão de elementos de outros [...]"²⁶, referindo os muitos escritos que estão descritos como *crônicas* mas que podem ser considerados *livros de feitos*, como é o caso da Primeira Grande Crônica Catalã, de Jaime I, que elenca os fatos sucessivamente de modo a construir uma identidade para o rei sem, no entanto, desprezar outros elementos da crônica como o *providencialismo*²⁷.

O estopim da revolta no texto de *lu ribellamentu* vem relatado depois da narração das tratativas políticas com os diversos atores: o papa, Carlos I, Pedro III de Aragão²⁸ e outros.

23 GUIMARÃES, Marcella Lopes. O discurso cronístico e a narratividade histórica. In: NETO, Dirceu; NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza (Orgs.). *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: Editora PUC/Goias, 2012, p.57.

24 *Lu ribellamentu di Sicilia: Codice esistente in essa biblioteca*; p.01.

25 Em tradução livre: "Estando messer João em si, disse um dia ao Paleólogo: 'Senhor, por Deus vos peço humildemente um local secreto para poder falar-lhe secretamente, onde a nossa conversa não possa ser ouvida por outros.' E o Imperador disse: 'o que é que vós quereis me dizer assim tão secreto?' E ele respondeu: 'pelo maior desejo que vós tendes no mundo.' E imediatamente foram para cima da mais alta torre do Palácio do Imperador, onde ficaram secretamente." In: *Lu ribellamentu di Sicilia: Codice esistente in essa biblioteca*. Edição de Filippo Evola; p.16-17.

26 GUIMARÃES, *op. cit.*, p. 61.

27 *Idem*.

28 Durante muito tempo Pedro III de Aragão foi considerado o "arquiteto das Vésperas", segundo GALASSO, Giuseppe. *L'Italia Aragonesse. Storia Mediterranea*. Palermo, n. 11, dez 2007, p. 425.

É interessante notar que no texto anônimo que trata das Vésperas, fala-se nominalmente de três barões sicilianos os quais estavam presentes na terça-feira de Páscoa, na Igreja do Espírito Santo, palco do evento em Palermo. Os três e mais outros barões da ilha, assim que a revolta triunfa e mata cerca de três mil franceses na cidade de Palermo, vão para as suas, onde incitam os seus vassalos a fazer o mesmo, no que têm sucesso, segundo a crônica²⁹.

Ao narrar esse momento o autor não mostra diálogos, sejam diretos ou indiretos, não se coloca na cena a ouvir a população ou mesmo os senhores, com exceção do grito de guerra dos palermitanos: “*moranu li Franciz*”³⁰. Notamos certa distância física, talvez dada devido ao extrato social a que ele ou ela pertencia? A escrita em vulgar siciliano aproxima o texto do povo ou mesmo de nobres não letrados em latim, mas seria essa a intenção? Seria para a leitura na corte, segundo Guenée³¹? Porém um ponto é válido ressaltar: a narrativa do evento é concisa, o que favorece a memorização e a reprodução posterior por outros autores, diferentemente do jogo político narrado anteriormente e imediatamente na sequência. Encaixa-se na diferenciação que Benjamin faz entre historiador e cronista: o primeiro escreve a história, o segundo narra³².

Já a *Cronaca di Salimbene* relata os eventos com um viés escatológico. Entretanto, dificilmente poderíamos esperar algo diverso, visto ser o cronista justamente um religioso e, como afirmado anteriormente, adepto de uma visão mística particular dos acontecimentos. O frade se acomodaria naquilo que Pierluigi Licciardelli aponta sobre historiografia medieval: “a história para o homem medieval é uma história sagrada, governada pela Providência”³³. Obviamente, para além do reino do sagrado “[...] não faltam [...] os interesses políticos, como demonstra a exegese de imagens bíblicas para explicar a evolução dos reinos”³⁴, como se verá na sequência da análise.

O frade inicia a narrativa do ano de 1282 como um ano atípico (“[...] *si sviluppa si molta quantità di bruchi da frutti, che a’ nostri giorni nessuno ne ricorda l’eguale* [...]”³⁵ – se desenvolveu uma grande quantidade de lagartas de frutas, que até nossos dias ninguém recorda igual). Esse início pode ter ligação com a visão mística, segundo a qual tais fatos inesperados prenunciam um ano igualmente inesperado.

A narração das Vésperas em si inicia com personagens eclesiásticos: o papa que envia à Sicília um cardeal “quando [os homens subitamente] se rebelam contra o Rei Carlos”³⁶. Salimbene tem tom mais direto do que o cronista anônimo de *lu ribellamentu*, e encadeia os fatos sem consideração especial a nomes pessoais ou locais. É nítido em Salimbene o providencialismo, o universalismo e a cronologia, elementos apontados por Guimarães como características das crônicas medievais³⁷.

É interessante ressaltar na passagem a seguir a visão religiosa do frade: a descrição do evento é um decalque bíblico. Senão vejamos: “[...] e a Palermo uccisero tutti i Francesi, uomini e donne, e bambini li battevano a morte contro le pietre, e alle gravide apersero il ventre”³⁸.

29 *Lu ribellamentu di Sicilia: Codice esistente in essa biblioteca*, p.55-56.

30 *Lu ribellamentu di Sicilia: Codice esistente in essa biblioteca*, p. 56.

31 GUENÉE, *op. cit.*, p.525.

32 BENJAMIM, *op. cit.*, p.226.

33 LICCIARDELLI, Pierluigi. A Historiografia. In: ECO, Umberto (Org.) *Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010, p.499.

34 *Idem*.

35 *Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell’Ordini dei Minori*, p.52.

36 *Idem*, p.54.

37 GUIMARÃES, *op. cit.*, p.61.

38 *Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell’Ordini dei Minori*, p.54. Em tradução livre: “[...] e em Palermo mata-

Essa passagem guarda semelhanças com o Salmo 137, 9 da Bíblia que canta: “feliz aquele que pegar os seus filhos [os filhos da Babilônia] e os despedaçar contra as pedras”³⁹. Os hebreus estavam no cativeiro e atirar os filhos dos babilônios contra as pedras deveria ser motivo de felicidade, segundo as escrituras. Seria um indício do apoio de Salimbene à rebelião? Estaria ele a dizer que os sicilianos se achavam cativos dos franceses e que deveriam se alegrar com a libertação lembrando-se do salmo que canta a morte das crianças babilônias?

A *Cronaca di Partenope*, atribuída a Bartolomeo Caraciolo-Carrafa faz pouca referência às Vésperas. É provável que assim seja devido à distância temporal, já que ela é escrita por volta de 1343. A curta referência também pode decorrer do fato de ter sido um evento traumático para o Reino de Nápoles e para a dinastia que a encomendou a Bartolomeo. Nela o cronista narra as Vésperas de forma superficial, como um acontecimento atrelado diretamente à tentativa de expansão de Carlos I. Conforme ele, se não fosse a rebelião, o rei napolitano teria conquistado a *Romania*, dado seus predicados extensamente citados no mesmo capítulo⁴⁰.

Nos manuscritos do grupo A, mais antigos, imediatamente após citar o evento, o autor escreve: “loquale rebellione non fo facta per colpa de lo re ma per colpa de li soy collaterani li quali indebitamente yspossediano li barune de lo riame de lloro terre e feceanole donare a lloro [...]”⁴¹. O autor narra o evento e sublinha que o rei não era culpado da rebelião. Nos manuscritos do grupo B não há diretamente essa desculpa ao rei, mas o motivo também é atribuído aos colaterais e oficiais, que “agravaram” indevidamente o povo. Não aparecem, nessa narrativa, detalhes como o grito de guerra dos palermitanos, o local onde a revolta iniciou, quantos morreram etc. O que *subsistiu* da história foram os personagens – Carlos I, João da Prócida, Pedro de Aragão e Constância – mostrando o conflito somente no extrato político e aristocrático.

Como sublinhado anteriormente, é provável que Bartolomeu assim tenha procedido porque o evento “desabonava” a Casa de Anjou. Além disso, já se havia passado mais de quarenta anos desde a assinatura da Paz de Caltabellota, em 1302, que selou o fim do conflito armado: a narrativa sobre a perda da Sicília provavelmente tinha se simplificado, mantendo somente os nomes dos mandatários envolvidos. Não está presente em nenhum momento a explicação e a encadeação com outros fatos anteriores e posteriores, o que confirma, novamente, o que Walter Benjamin escreve acerca do cronista-narrador.

Ao colocarem na base de sua historiografia o plano da salvação, inescrutável em seus desígnios, libertaram-se com isso desde o início do ônus da explicação verificável. Ela é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato dos fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas⁴².

As crônicas de Salimbene e da de Partenope encadeiam os fatos de uma forma realmente mais cronística, sem maiores interpretações e explicações. Tanto é assim que Salimbene considera que “o que daí nascerá, verão os sobreviventes”⁴³, referindo-se a um futuro inescrutável, eximindo-se de qualquer exegese. Tal característica não é tão patente em *lu ribellamentu*, que traça um enredo que tem como motivo a expulsão dos

ram todos os franceses, homens e mulheres, e as crianças as batiam até a morte contra as pedras, e abriam o ventre das grávidas”.

39 BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica, 1966, p.1718. Disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biblia.pdf> > Consultado em 31 out 2016.

40 KELLY, *op. cit.*, p.269.

41 *Idem*, p.269. Em tradução livre: “aquela rebelião não foi feita por culpa do rei, mas por culpa dos seus colaterais os quais indevidamente expropriaram os barões do reino de suas terras e fizeram-nos doar a eles [...]”.

42 BENJAMIM, *op. cit.*, p.226.

43 *Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell'Ordini dei Minori*, p.56.

franceses e a escolha de Pedro III como rei: a narrativa vai em direção a isso, ela tem um *fim*.

Cotejando as três crônicas, portanto, conseguimos traçar um quadro inicial das Vésperas Sicilianas mais ou menos plausível, se considerarmos a narração dos cronistas em sua forma mais geral, sem adjetivações ou explicações. A motivação dos personagens, na maior parte das vezes está oculta e faz parte de um fluxo temporal do qual o evento faz parte por se, com exceções em *lu ribellamentu*.

Outro aspecto importante da crônica de Bartolomeo é sua escrita em vernáculo napolitano. Podemos comparar com o processo de laicização dos saberes que se iniciou em Portugal no século XIV e foi intensificado no século XV, conforme aponta Susani Silveira Lemos França em *Os reinos dos cronistas medievais (século XV)*⁴⁴. O texto, segundo a pesquisadora, é acessível aos não versados em latim, o que amplia o acesso às narrativas e “confirmam” possíveis histórias correntes, dada a autoridade que o cronista tinha à época. Nesse ponto, basta lermos o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio⁴⁵, escrito entre 1348-1353, para encontrarmos diversas figuras presentes nas crônicas acerca das Vésperas Sicilianas e que estão presentes ali em algumas das cem novelas.

As personagens que remanesceram *provavelmente* ajudavam na construção do passado da casa reinante, na mítica dos governantes contemporâneos ao cronista, seguindo a linha do que França aponta em seu livro⁴⁶. Daí a ocultação de detalhes e exaltação dos predicados de Carlos I. A exemplo disso, o início do parágrafo que narra as Vésperas louva o “*predicto re homo de grande core*”⁴⁷, enquanto as outras duas crônicas o tratam como um simples governante, ou pelo menos não o exaltam, revelando a proximidade de Bartolomeo com a casa angevina.

O Tratamento à Figura do Rei Carlos I de Anjou

A figura de Carlos I de Anjou, como já referido anteriormente, em duas crônicas – a de Salimbene e *lu ribellamentu* – é tratada de forma sóbria, sem adjetivações demasiadas. É interessante, dado que as crônicas são contemporâneas aos acontecimentos iniciais das vésperas Sicilianas, sendo que a crônica anônima insular, em tese, poderia apresentar características que a distanciassem das figuras angevinas.

A narrativa de *lu ribellamentu* dá ênfase na trama, a qual começa a ser contada em uma cena de corte, em Constantinopla. O que parece é que o redator deixa para o leitor a decisão acerca do caráter dos personagens, como Carlos I, que é tratado como o rei que quer expandir o seu reino e para isso sobretaxa o povo e agrava a situação siciliana que já vinha ruim desde Frederico II. A ênfase, portanto, é na trama e nas entrelinhas da crônica, no “fluxo temporal insondável”, se quisermos pensar com Walter Benjamin.

Outro fator a pesar no descontentamento siciliano pode ter sido a perda da capital do reino, que foi transferida de Palermo para Nápoles, por Carlos I. A metrópole insular passou a não ser mais sede monárquica, perdendo o brilho que nos séculos anteriores – dos muçulmanos

44 FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os reinos dos cronistas medievais (século XV)*. São Paulo; Brasília: Annablume; CAPES, 2006.

45 BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Abril, 1971.

46 FRANÇA, *op. cit.*, p.382.

47 KELLY, *op. cit.*, p.269.

aos reis normandos e aos Hohenstaufen – ela tivera⁴⁸. Porém, o fato da transferência da capital não aparece em nenhuma das crônicas analisadas como fator preponderante.

Para minorar essa possível causa, Galasso ainda refere Palermo como uma capital não “ativa” do Reino, ou seja, ela não exercia um papel centrípeta e amalgamante como pode-se imaginar. O rei vivia nela em seu *palatium* e a cidade não agia sobre ele. Durante muito tempo após a transferência da capital Palermo ainda era a cidade que mais arrecadava impostos – cerca de três vezes mais que Nápoles⁴⁹. Dessa forma, a transferência de capital – ou escolha de uma outra sede palaciana – não foi decisiva para a eclosão das Véspera, segundo se deduz dos escritos do pesquisador⁵⁰.

O cronista mais incisivo, que mais toma partido, sem dúvida é Bartolomeo, em sua *Cronaca di Partenope*. Os motivos são os aventados anteriormente, e refletem o patrocínio da casa angevina ao seu trabalho. De fato, são longas as passagens que exaltam as qualidades de Carlos I.

Desde o início do capítulo no qual o cronista narra o evento das Vésperas ele louva os atributos do rei, que “fo lo [...] primo cavaliere multo strenuo, ardito e virtuoso, et portause ala guerra de lo passagio de oltramare dove fo com Santo Luyse re de Francca suo frate multo meglyo che nullo altro, et usavance grande prodecza da sua persone”⁵¹. Em outra passagem a seguir, Bartolomeo narra como o rei Carlos I em batalha contra Manfredo, lutou contra dez cavaleiros e os venceu, tendo-os mortos ou presos.

Salimbene é prudente e não exalta qualquer um dos partidos durante a sua narração. Por certo ele narrou a violência dos palermitanos, mencionada anteriormente, mas na sequência ele apresenta os messinenses como mais brandos. Segundo o autor eles apenas espoliaram os franceses dos bens e das armas e os enviaram de volta a Carlos I, seu senhor⁵².

Para finalizar a narrativa, o frade assim escreve: “quello che ne nascerà, lo vedranno i superstiti”⁵³ – aquilo que daí nascerá, verão os sobreviventes, indicando sua contemporaneidade aos eventos e a incerteza sobre qual facção venceria além de refletir, por certo, o caráter providencialista da crônica. Nesse ponto Hartog vem a confirmar nossa visão dos cronistas medievais: eles estariam imersos ou submersos na própria história que narram⁵⁴.

Considerações Finais

O evento que dá início à mudança dinástica na Sicília era visto como um dos primeiros de manifestação do caráter nacional italiano até o início do século XX. Isso porque a população siciliana se rebelou contra maus governantes estrangeiros e chamou para o seu trono, Pedro de Aragão, casado com Constância, filha de Manfredo, último Hohenstaufen.

A população das cidades sicilianas pareciam ter se rebelado espontaneamente à

48 Nesse sentido ver: MONTANELLI & GERVASO, *op.cit.* e ORSI, *op.cit.*

49 GALASSO, *op. cit.*, p.52.

50 *Idem*, p.53.

51 KELLY, *op. cit.*, p.268. Em tradução livre: “Foi o [rei Carlos] primeiro cavaleiro, muito tenaz, ousado e virtuoso, foi à guerra, em passagem para o ultramar, onde foi com são Luís, rei de França, seu irmão, muito melhor que nenhum outro, e {usavam?} grande prudência da sua pessoa”.

52 *Cronaca di Fra Salimbene Parmigiano dell'Ordini dei Minori*, p.55.

53 *Idem*, p.56.

54 HARTOG, François. *Evidências da História: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.146.

sujeição angevina, porém as crônicas apontam figuras como João da Prócida e barões locais, que conforme elas, ataçaram os sicilianos, que já estavam descontentes havia tempo, contra os angevinos. Para Salimbene, inclusive, João da Prócida era “capo”⁵⁵ – cabeça – da rebelião.

A inserção dos narradores não se dá completamente nessa parte da crônica. Apenas o autor de *lu ribellamentu* está presente na cena política, narrando até mesmo diálogos, porém ausente do momento inicial. Os outros dois narram o estopim de forma clara, direta, entretanto sem participação, sem ter presenciado o acontecimento.

Podemos, com os cruzamentos, notar que o movimento inicial pode ter sido de fato popular, no entanto com aquele caráter já apontado anteriormente onde o *populus* é uma fração da sociedade juridicamente representado. A revista à mulher casada na terça-feira de Páscoa pode ter sido a gota d’água que foi *apropriada* pelos barões e pela aristocracia, os quais necessitavam apenas de uma desculpa para expulsar os angevinos da Sicília. É provável que essa “desculpa” tenha sido vista como a mais eficaz para que houvesse a participação massiva da população na luta contra os franceses, e assim foi utilizada como mote para a perseguição e assassinato em massa dos angevinos.

Os cronistas, justamente por apenas narrarem a história não se deram conta, ou não explicitaram ao menos, essa possibilidade. O que mais se aproxima disso é a crônica siciliana, porém ela não aponta explicitamente o fato da aristocracia esperar um momento de comoção popular para aproveitar-se dele e começar uma guerra. Como lembrado anteriormente, ela se detém na narrativa dos eventos e não nos seus encadeamentos, deixando para o leitor fazer as conexões entre os vários momentos da história.

A narração, portanto, não se preocupa com a explicação do evento: ele apenas *acontece*. O único que tenta, talvez, explicar minimamente é Salimbene, que refere que Carlos I não tem “culpa” pela rebelião. Ainda assim, escreve como narrador e não se importa em louvar a figura real o tempo todo, o que nos outros dois redatores não ocorre.

Recebido em: 21/09/2018

Aprovado em: 08/01/2019

55 KELLY, *op. cit.*, p.270.